

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM UMA ORGANIZAÇÃO NÃO-GOVERNAMENTAL: POSSIBILIDADES PARA PENSAR CULTURAS E MEIO AMBIENTE

Marco Antonio Leandro Barzano

Universidade Estadual de Feira de Santana
Departamento de Educação
mbarzano@uol.com.br

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir as práticas pedagógicas da Organização Não-Governamental (ONG) Grãos de Luz e Griô, localizada na cidade de Lençóis, no estado da Bahia, Brasil. Esta instituição serviu como *locus* para o desenvolvimento de minha pesquisa de doutorado em Educação. Nela são desenvolvidas atividades com crianças, adolescentes e jovens, cuja centralidade temática nos últimos anos tem sido a cultura africana. A figura do velho griô, o contador de histórias do noroeste da África, foi a inspiração para a abordagem dos temas desenvolvidos em suas oficinas e cooperativas e no trabalho pedagógico junto às escolas da cidade. Optei por uma metodologia qualitativa, contemplando diversas estratégias, tais como: observação, análise de artefatos como documentos e vídeos, e entrevistas a educadores e educandos. Aponto alguns resultados, ressaltando que a ONG inventa um griô para a cidade de Lençóis, com a intenção de que este personagem contribua tanto para a inserção da tradição oral na abordagem das práticas pedagógicas, quanto na invenção de uma pedagogia que é nomeada de Pedagogia Griô. Trago para discussão neste texto a problematização acerca da imbricação culturas e meio ambiente, pois em seu passado, a ONG abordava práticas de educação ambiental nas oficinas e cooperativas. Defendo neste artigo que a abordagem centralizada nas culturas que se opera nas oficinas e cooperativas pode ser considerada como ambiental.

Palavras-chave: ONG; Pedagogia Griô; Culturas; Meio Ambiente.

Abstract

This article intends to argue about “Grãos de Luz and Griô – Non Governmental



Organization (NGO)” educational practices in Lençóis, Bahia State, Brazil. Children, teenagers and young people educational activities focused on African culture were developed at this NGO. These activities were inspired on the ancient tales narrator Griô from Northwest Africa. This qualitative study resorted to observation, documents’ and videotapes’ analysis and interviews to teachers and students. Some results emphasize the invention of the Griô character at the city of Lençóis, in the expectation that he can gives contribution to the oral tradition throughout pedagogic practices, as making a Griô’s Pedagogy. In this text I bring to the discussion, the issues relating cultures and environment, as in the past, the NGO used to work with environmental issues during its workshops and educational meetings. I believe that the cultural approach used by the NGO during their workshops and educational meetings, can be seen as an environmental one.

Keywords: NGO; Griô Pedagogy; Cultures; Environment.

Um Início de Conversa

que preto, que branco, que índio o quê?
 que branco, que índio, que preto o quê?
 que índio, que preto, que branco o quê?
 que preto branco índio o quê?
 branco índio preto o quê?
 índio preto branco o quê?
 aqui somos mestiços mulatos
 cafuzos pardos mamelucos sararás
 crilouros guaranisseis e judárabes
 orientupis orientupis
 ameriquítalos luso nipo caboclos
 orientupis orientupis
 iberibárbaros indo ciganagôs
 somos o que somos
 inclassificáveis
 não tem um, tem dois,
 não tem dois, tem três,
 não tem lei, tem leis,
 não tem vez, tem vezes,
 não tem deus, tem deuses,
 não há sol a sós
 aqui somos mestiços mulatos
 cafuzos pardos tapuias tupinamboclos
 americanarataís yorubárbaros.
 somos o que somos
 inclassificáveis
 que preto, que branco, que índio o quê?
 que branco, que índio, que preto o quê?
 que índio, que preto, que branco o quê?



não tem um, tem dois,
não tem dois, tem três,
não tem lei, tem leis,
não tem vez, tem vezes,
não tem deus, tem deuses,
não tem cor, tem cores,
não há sol a sós
egipciganos tupinamboclos
yorubárbaros carataís
caribocarijós orientapuias
mamemulatos tropicaburés
chibarrosados mestiçigenados
oxigenados debaixo do sol¹

A epígrafe que abre este artigo é uma provocação que pretendo delinear neste texto. Muito embora minha pretensão seja a de que as palavras aglutinadas/híbridas que compõem a música de Arnaldo Antunes possibilitem linhas de fuga que atravessam nossos pensamentos. Meu desejo é seguir os rastros de Jorge Larrosa (2004) quando nos ensina que devemos “dar a ler” ao leitor exatamente quando as palavras perdem todo o poder sobre o que elas dizem. É permitir que as palavras “dêem a pensar” e aqui neste texto sou movido pela provocação estabelecida pela banca examinadora, na defesa de minha tese de doutorado² e que agora me movimenta a escrever este artigo. Esse debate fluiu e chega ao presente texto, com a intenção de estabelecer a discussão sobre o binômio educação ambiental-culturas.

Foram, basicamente, duas provocações que considero interessantes para trazer para este texto: a primeira se refere à abordagem da tese quando afirmo que a ONG onde realizei a pesquisa “deslocou a abordagem ambiental e passou a focar a cultura negra, a ancestralidade e a cultura local” (Barzano, 2008, p. 33). A segunda está relacionada com o argumento de que “a ONG fixou o tema de educação afro-brasileira para que a Pedagogia Griô³ pudesse produzir um currículo para ser negro” (idem, p. 115). Nesses dois momentos as classificações devem ser deslocadas, postas em suspeição, pois nos instiga a pensar o que é educação ambiental? Que temas podem ser contemplados para que possamos afirmar que se trata de uma discussão de interesse da educação ambiental? As discussões da cultura negra, abordadas nas práticas pedagógicas da ONG podem ser consideradas de educação ambiental? O que podemos chamar de negros, brancos, índios, mulatos? É possível classificar? Estas foram as perguntas que trouxe para enfrentar neste artigo e, quiçá, promover

¹ Inclassificáveis. Letra e Música de Arnaldo Antunes. 1996. BMG. CD *O Silêncio*.

² Barzano, Marco Antonio Leandro. *Grãos de Luz e Griô: dobras e avessos de uma ONG-Pedagogia-Ponto de Cultura*. Campinas, SP: Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2008. (Tese, Doutorado em Educação).

³ Uma pedagogia específica nomeada por esta ONG e que será abordada no decorrer deste artigo.



mais interrogações a respeito da educação ambiental brasileira que, nos últimos anos, teve um salto quantitativo nas produções acadêmicas, mas que necessita ampliar as abordagens temáticas.

O artigo está conectado em quatro partes: a primeira refere-se a uma apresentação da cidade de Lençóis, apontando suas características históricas e ambientais e ressalta a maneira de como cheguei à cidade e do meu interesse em realizar a pesquisa.

Logo em seguida, teço considerações acerca da proposta pedagógica da ONG, principalmente no que se refere à pedagogia que é nomeada de *griô*. Nesta parte, apresento as características gerais do velho griô africano que serve de inspiração às atividades pedagógicas desenvolvidas na e pela ONG, bem como a especificidade na abordagem da tradição oral e a invenção de um griô em Lençóis a partir da performatividade. Na terceira e última parte foco minha atenção na discussão acerca da educação ambiental e culturas com a intenção de propor um debate provocativo e propositivo para o campo da Educação Ambiental na contemporaneidade.

Lençóis: A Cidade e o Encontro com a ONG

É uma cidade igual a um sonho: tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça, que esconde um desejo, ou então o seu oposto, um medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa. (...) – De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas.

- Ou as perguntas que nos colocamos para nos obrigar a responder, como Tebas na boca de Esfinge.

(Ítalo Calvino, 2005, p. 44)

Cheguei à cidade de Lençóis com a sensação de ser, ao mesmo tempo, professor, turista, estrangeiro, quiçá, um buscador. Comungo com Ítalo Calvino (2005) que a cidade não é constituída tão-somente pelos prédios, escadas, lâminas de zinco que recobrem os tetos, enfim, sua estrutura, como nos ensinam, mas “das relações entre medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado” (p. 14), e foi por isso que pretendi conhecer a cidade de Lençóis impregnada de sua biodiversidade, suas culturas, mitos, sabedorias, uma cidade que não conta o seu passado, porque ela o contém (idem).



Passei pela cidade, através de meu sonho e encarei-a como uma cidade invisível, rica em memória, pulsante em desejo, repleta de símbolos, lisa, estriada, delgada. A cidade que não é apenas um conceito geográfico e se torna símbolo daquilo que encontrei nos caminhos percorridos.

Lençóis é conhecida por ser o portal do Parque Nacional da Chapada Diamantina, com marcas históricas relacionadas ao garimpo de diamantes; à exuberância de uma rica biodiversidade e, nos últimos anos, por receber a visita de turistas do Brasil e exterior à procura de um “turismo ecológico”, motivados pela idéia midiática de que a cidade possui uma beleza paisagística caracterizada por suas matas e cachoeiras.

Lugar originalmente marcado pela presença dos índios Maracá e no final do século XIX começaram a se formar os primeiros povoados, tanto de pessoas de diversas partes do território brasileiro, como de estrangeiros (árabes, franceses, ingleses), que tinham o objetivo de enriquecer, explorando e comercializando os diamantes. Por essa razão, era conhecida, à época, de Comercial Vila de Lençóis. No período entre 1859-1862, esse povoado passou por uma grande seca que assolava o sertão, causando muitas mortes, trazendo conseqüências para a exploração de diamantes. Em 1864, período em que se começaram as construções de prédios mais elaborados, passa a ser chamada de Lençóis. Atualmente, possui uma área de 1.240,3 km² e uma população de 8.910 habitantes (Brito, 2005).

Verde, rios, cachoeiras, lajedos, rochões, esses são alguns dos anúncios dos atrativos turísticos da cidade de Lençóis. São os elementos do mosaico de representações que construímos sobre uma Lençóis. Geralmente, os turistas “interessados nos passeios à natureza sequer sabiam que também estavam vindo para uma região cujas cidades contam com um rico patrimônio histórico cultural” (idem, p. 302).

Conheci a cidade em 2002 e percebi toda essa exuberância paisagística, o que permitiu que eu desenvolvesse atividades pedagógicas voltadas para a educação ambiental junto a licenciandos do curso de Ciências Biológicas. Porém, fui tomado pelo estranhamento quando visitei, em janeiro de 2005, a exposição *Griô, a tradição viva*, no Mercado Cultural da cidade, que continha os materiais produzidos pelos alunos da ONG Grãos de Luz e Griô, instituição em que desenvolvi minha pesquisa. Considerei que estava diante de um rico acervo para a pesquisa porque ali estavam expostos nos objetos, um conjunto simbólico dos produtos que remetiam à



africanidade.

Desestabilidade. Invisibilidade. Visitar uma cidade que representa o eixo da Chapada Diamantina, o que se espera tão visivelmente exposto? Fotografias de árvores, animais e cachoeiras? Exposição de diamantes e objetos utilizados no garimpo? Não! Estandartes de orixás. Quadros pintados com figuras de pessoas negras. Materiais de papel reciclado com desenhos da cultura local, todos confeccionados pelos alunos da ONG e que estavam expostos como culminância dos trabalhos desenvolvidos nas oficinas e cooperativas, mas que para mim, trazia um outro significado: o de mostrar as características daquela cidade e que muitas vezes encontravam-se rasuradas ou até mesmo apagadas.

Em Lençóis, percebi que aqueles objetos expostos contribuía ainda mais para eu conhecer o meu país, suas culturas, a etnia, a arte, a diferença. Ou seja, o que foi captado não foi “uma forma dessa cultura (um conteúdo, uma temática, uma ontologia – em suma, uma identidade nacional). O que captou foi “uma estratégia de constituição das formas de expressão” (Rolnik, 2006, p. 181).

Mas, afinal, que ONG é esta? Que trabalhos pedagógicos são desenvolvidos? Em 1993, na cidade de Lençóis, houve a iniciativa de lideranças femininas na produção e distribuição de sopa para as crianças de baixa renda de um bairro periférico. No mesmo período, havia um projeto de horta comunitária desenvolvido junto a crianças e adolescentes. Essas iniciativas foram agregadas a um projeto educativo de uma brasileira que residia na Suíça que, ao tomar conhecimento dessas atividades em Lençóis, reuniu um grupo de amigos daquele país para a realização de tal empreitada. Para seu funcionamento era preciso ter um prédio e as madres da igreja católica da cidade cederam esse espaço, colaborando com atividades de artesanato e reforço escolar.

Em 1997, houve a institucionalização daquele projeto, principalmente pela necessidade de estabelecer as parcerias de apoios financeiros. A partir de 1998, as atividades pedagógicas passaram a ter um nome: *Oficinas Grãos de Luz*.

Durante o ano de 1999 aconteceu o que chamei de: *as atividades da ONG ganham os olhos da Secretaria Municipal de Educação de Lençóis (SMEL)*, pois foi o momento que se estabeleceu a parceria entre a ONG e a Prefeitura Municipal⁴. A

⁴ A parceria se estabeleceu com o oferecimento de atividades pedagógicas pela ONG e a contrapartida da SMEL era através de apoio na infra-estrutura do espaço educativo daquela instituição, como por exemplo, a merenda distribuída aos alunos.



primeira iniciativa desta Secretaria foi a solicitação da participação da ONG junto aos professores da rede municipal para a elaboração de um projeto pedagógico e, para isto, a coordenação pedagógica da ONG apresentou uma proposta de trabalho que incluiu a invenção da figura de um velho africano: o griô. Desde então, foi criado o *projeto griô*.

Além das atividades que foram desenvolvidas em seu espaço educativo, através de oficinas e cooperativas, a Grãos de Luz passou a atuar nas escolas e comunidades, com o projeto griô e ampliou suas parcerias, ganhando visibilidade nacional na mídia impressa e televisiva, anunciando a realização de suas práticas pedagógicas. Foi a partir deste ano que a ONG passou a ser nomeada *Grãos de Luz e Griô*.

A partir de 2002 a ONG ampliou seu raio de atuação para 15 municípios da Chapada Diamantina desenvolvendo, principalmente, a atividade de caminhada do velho griô que consistia em sua ida às comunidades e escolas para contar histórias. Foi neste ano que conheci o espaço educativo da ONG e fui informado de que anualmente era trabalhado um tema gerador⁵ e, naquele ano, a *Água* tinha sido a temática abordada.

Como é uma instituição que se localiza na Chapada Diamantina, portal de um Parque Nacional; que desenvolvia atividades de reciclagem de papel em suas oficinas e cooperativas e focava um “tema ambiental”, imaginei que se tratava de uma ONG com ênfase ambientalista em suas propostas de trabalho.

Dentre várias atividades que aconteceram no ano de 2002, a ONG realizou o *Prêmio Mãe Água*, que possibilitou aos professores desenvolverem projetos pedagógicos relacionados com o tema *Água*. Os educandos realizaram levantamento da situação da água na cidade e discutiram possíveis soluções, além de fazerem limpeza às margens dos rios, bem como a construção de placas com frases ecológicas e a elaboração de uma carta que fora enviada ao prefeito acerca dos problemas encontrados e da solicitação de providências que deveriam ser tomadas, destacando a aquisição de lixeiras e limpeza das ruas.⁶

Além desse projeto pedagógico, os alunos desenvolveram outras atividades de intervenção ambiental, entrevistando, fotografando e observando gestuais do trabalho de lavadeiras e garimpeiros. Com esse material, que incluía em seus registros as

⁵ Tema gerador era uma inspiração a partir de Paulo Freire.

⁶ Relatório da ONG Grãos de Luz e Griô, 2002.



crenças, mitos, danças, foram confeccionados os panôs que, além de demonstrarem as características da cultura local, eram comercializados e propiciavam a visibilidade dos trabalhos pedagógicos da ONG. As apresentações das peças teatrais “Mãe Água” e “Três Vidas e um Rio” foram, também, as culminâncias do projeto pedagógico de 2002, realizado pela ONG nas escolas.

Após o lançamento do edital que regulamentava o concurso do prêmio Mãe Água, organizado pela ONG, os professores da rede de ensino realizaram, durante o período de dois meses, a confecção de diversos materiais como: maquetes, livros e revistas artesanais, painéis de material reciclado e fotografias.

Considero que essa tenha sido uma das maneiras que a ONG conseguiu obter visibilidade não só na cidade de Lençóis, como também, na Chapada Diamantina. Outra maneira foi pela realização de atividades culturais em vários pontos da região e isso fez com que as autoridades locais comesçassem a apostar em uma parceria mais consolidada.

Expressaram-se nas práticas pedagógicas que observei e li/ouvi nos artefatos analisados, o desejo de a ONG não ter mais o meio ambiente como eixo de suas atividades. Percebi que isto ficou circunscrito às oficinas e cooperativas de reciclagem de papel. Saliento, portanto, que a ONG nunca se denominou ou sequer associou suas atividades com a temática ambiental, nem tampouco foi nomeada como uma ONG ambientalista. Mas imagino que isso pode não ter ocorrido devido ao fato de esta instituição não ter feito parceria ou participado de editais que se associavam ao meio ambiente. Talvez isto tenha contribuído para que a ONG não inventasse uma “Pedagogia Ambiental”, como aconteceu com a abordagem cultural que ganhou centralidade em todas as práticas pedagógicas da ONG, incluindo as parcerias externas realizadas junto aos professores da rede municipal de Lençóis.

Velhos Griôs Africanos

No noroeste da África, na região do Mali, ainda hoje vivem velhos que percorrem aldeias, contando histórias, cantando músicas, declamando poesias ou até mesmo mediando desavenças entre as grandes famílias e são chamados de *griots*⁷. São trovadores ou menestréis, grandes sábios, que transmitem sabedoria da tradição oral.

⁷ Como essa região africana foi colonizada pela França, a palavra é de origem francesa. O feminino é *griote*. Na Língua Portuguesa, escreve-se *griô* para ambos os sexos e esta será a maneira que utilizarei em todo o texto do artigo.



A fim de alcançar tal objetivo, a ONG se inspirou no velho griô do noroeste africano, na região do Mali, que caminham pelas aldeias contando histórias da tradição oral. São trovadores ou menestréis, grandes sábios, que transmitem sabedoria e se classificam em três categorias: músicos, embaixadores e genealogistas ou historiadores.

Nos anos de 2004 e 2005, quando iniciei o desenvolvimento da pesquisa, a ONG definitivamente passou a focar a cultura negra, a ancestralidade e a cultura local.

Um dos maiores difusores de conhecimentos sobre os griôs foi o historiador africano Amadou Hampaté Bâ. Para este autor, (Hampaté Bâ, 1982, p. 202), os griôs se classificam em três categorias:

- Músicos: que tocam qualquer instrumento (monocórdio, guitarra, cora, tantã etc.) e, geralmente, são grandes cantores, que compõem, preservam e transmitem a música antiga.
- Embaixadores e Cortesãos: que são responsáveis por mediar as possíveis desavenças que ocorrem entre famílias. Eles estão sempre ligados a uma família nobre ou real. Também são encarregados de algumas funções, como, por exemplo, fazer união matrimonial: quando um jovem nobre necessita revelar seu amor a uma jovem nobre, ele solicitará a um griô para que este se encarregue de ser o porta-voz do seu sentimento.
- Genealogistas, historiadores ou poetas (que podem ser os três ao mesmo tempo): são os contadores de histórias, viajantes e não estão, necessariamente, ligados a uma família.

Os griôs recebem da tradição africana, um *status* social especial, com liberdade para falar e se manifestar. Muitas vezes, podem contar até mentiras, que serão aceitas com naturalidade. Existem, também, os griôs-reis ou tradicionalistas-doma, que possuem características semelhantes aos nobres em relação à coragem, moralidade, virtudes e sabedorias. Ao contrário dos dielis, suas histórias são divertidas, mas sempre são integralmente verdadeiras. É comum as pessoas perguntarem antes de um griô iniciar a contação de uma história se ela é de um dieli ou de um doma, pois se for do primeiro, permite-se que haja algumas invenções, já que com os domas isto não é possível.

Devido a essas características e aproximação aos nobres, os griôs são dotados



de considerável inteligência, desempenhando papel de grande importância na sociedade tradicional, sendo agentes ativos do comércio e da cultura humana. Atualmente, ainda suscitam e estimulam o orgulho do clã da nobreza, entoando suas canções, com o propósito de ganhar presentes, mas, muitas vezes, para encorajá-los a enfrentar alguma situação difícil.

Nas grandes batalhas da história, os griôs estavam sempre presentes, ao lado de seus mestres, estimulando-os para o enfrentamento. Uma de suas táticas era a de relembrar-lhes a genealogia e os grandes feitos dos antepassados, pois aí reside um grande poder para o africano: o de ouvir a invocação do nome de sua família.

O fato de serem importantes guardiões da memória africana faz com que os griôs tenham grande poder de influência sobre os nobres e o segredo dessa influência reside no fato de eles possuírem o conhecimento da genealogia e da história das famílias, chegando ao ponto, muitas vezes, disso se transformar em uma especialização. Esse tipo de griô geralmente não está ligado a alguma família e, por essa razão, é um viajante que percorre o país em busca de informações históricas.

Toda a pesquisa histórica feita pelo griô é apropriada por ele, de modo que ela fique impregnada em seu corpo, o que faz com que na hora de contá-la para o público, todos os sentidos do contador passam a ser aguçados e todo o corpo passa a transmitir o conto não apenas pelo fato de ser verbalizado, daquilo que sai oralmente, mas pela comunicação corporal que acontece nos gestos dos membros, na expressão corporal, no ritmo e entonação da voz, ou seja, há o estabelecimento de uma performance, como ocorre em uma cena teatral.

Considero, portanto, que há uma conexão entre a oralidade e performance para que o griô dê vida, oferecendo um alto grau de importância para aquilo que está sendo contado, já que na tradição africana o ato da fala é considerado como algo sagrado. Para um contador de histórias, como um griô, a voz é um elemento de grande importância devido à relevância da oralidade. No entanto, para que o conto tenha maior ênfase, buscando atrair maior atenção do público, de uma forma mais subjetiva, alcançando sensibilidade, humor, tristeza etc, outros elementos são necessários para subsidiarem a voz, tais como: a indumentária, o instrumento musical e os acessórios.

O griô africano conta suas histórias, muitas vezes, não só narrando-as, mas principalmente, declamando poesias em forma musicada, utilizando a performance, incrementando seu repertório para a satisfação do público ouvinte que reconhece nesse contador de histórias um carregador de memórias. Nesse caso, é importante



destacar que à medida que a história é contada, ela pode ser interpretada de diversas maneiras pelos ouvintes, já que um conto nunca é contado da mesma maneira mais de uma vez, pois a mesma performance é vivida de forma diferente para cada pessoa.

Dentre diversas atividades desenvolvidas pelos griôs, na cidade de Lençóis, tanto nas caminhadas pelas comunidades, nas oficinas e cooperativas da sede da ONG ou nas escolas, há um trabalho pedagógico que posso dizer que ganha mais força, que é o do griô com a música: assim como na África, até mesmo para se contar uma história, os griôs contam-nas em forma musicada, utilizando diferentes instrumentos de percussão.

Desse modo, há uma maneira específica de a música ser abordada, que é pela tradição africana, inspirada nos velhos griôs, em que o foco é a cultura local e isto se diferencia de alguns grupos musicais⁸ majoritariamente representados por afro-descendentes, que possuem sua marca na música engajada, naquela que procura recuperar a imagem positiva do negro e para isto utilizam algumas táticas como, por exemplo, a composição de letras em que a África ganha centralidade, mostrando a valorização da raça negra e isto ocorreu, principalmente, a partir da década de 1970, com os blocos afro no estado da Bahia.

A ONG também utiliza a música em suas práticas pedagógicas com o objetivo de valorização do negro, fazendo um levantamento da cultura local e aprendendo as músicas cantadas pelos velhos da cidade e que geralmente são cantigas entoadas por estas pessoas no momento do trabalho com a agricultura, quando estes “pisam” o milho, a mandioca no pilão, por exemplo.

Observei que além destas músicas/cantigas “do campo” os educandos também produziam suas próprias canções, aprendiam com os velhos a tocar vários instrumentos. Dois outros aspectos me chamaram a atenção quando entrevistei os alunos: o primeiro foi o fato de eles afirmarem que gostaram de aprender as canções entoadas pelos velhos das comunidades e o outro foi o destaque dado ao *hip hop*, que foi estimulado pelos coordenadores da ONG.

Pude observar mais nitidamente esses dois momentos musicais marcados por duas gerações: a dos velhos e dos jovens. Marcados, também, por diferentes estilos que são marginalizados pela sociedade. O primeiro por valorizar a música do campo, da cultura popular e o segundo por ser associado à classe popular onde, geralmente,

⁸ Os grupos musicais aos quais que me refiro são, principalmente, aqueles da cidade de Salvador e que são conhecidos internacionalmente como o Ilê Aiyê e o Olodum.



estão inseridos os negros e pessoas de baixa renda.

Stuart Hall (2003), ao discutir sobre o negro na cultura negra, lembra-nos que a vida cultural, sobretudo no Ocidente e em outras partes, tem sido transformada em nossa época pelas vozes das margens. As estratégias pedagógicas utilizadas pela ONG fizeram-me perceber que ela conseguiu recuperar a valorização do “popular”, ou seja, fazer com que os alunos compreendam o significado do popular e escapem do preconceito, geralmente a ele associado.

Inserida na cultura, a marginalidade, ainda que esteja localizada no campo periférico, tem sido produtiva, muito mais que em há algumas décadas e isto não quer dizer que seja uma abertura dos espaços dominantes, mas, o resultado de políticas culturais que têm a centralidade na diferença, na produção de novas identidades e aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural e isso tem levado a uma distinção entre o erudito e popular (Hall, *idem*).

Percebi, ainda, que a marginalidade ganhou intensidade de poder quando as músicas populares expressas pelas memórias e tradições das comunidades rurais de Lençóis, que remetem à ancestralidade, ao trabalho no campo, à cultura local, passaram a ser divulgadas em diversas ocasiões em que os grupos musicais se apresentavam nas festas da cidade e na circunvizinhança e isto contribuiu, também, para a transmissão aos jovens da cidade que desconheciam este estilo musical e puderam aprender com os mais velhos.

O que Stuart Hall (*idem*) nos chama a atenção é que esta visibilidade da cultura popular passou a ser a forma dominante da cultura global e com isto ela ganha poder porque fará parte da mercantilização, fazendo com que ela se insira nos circuitos de uma tecnologia dominante, que são os circuitos do poder e do capital.

Na próxima seção descreverei como esta tradição oral ganha força nas práticas pedagógicas da ONG. Dessa maneira, a ONG consegue se inserir tanto nas práticas pedagógicas da própria instituição como no currículo das escolas da cidade de Lençóis, a partir do momento em que os professores da rede municipal participaram dos cursos oferecidos a estes profissionais.

Tradição Oral Africana: Uma Possibilidade de Trabalho Pedagógico

Vivemos tão acostumados com a cultura da palavra escrita, esteja no papel, na tela do computador, na legenda do filme que, muitas vezes, fica difícil compreender



algumas sociedades que há pouco tempo utilizavam somente a palavra oral para se comunicarem. Mesmo que essa maneira de comunicação esteja em menor proporção em muitas sociedades, na África, e em especial na região do noroeste, há uma grande valorização da tradição oral, e esta encontra nos griôs um de seus mais notáveis expoentes para possibilitar a invenção de como a transmissão de conhecimentos deve ser passada às pessoas.

Na África, mesmo com o advento, prestígio e valorização que a escrita ganhou no mundo moderno e contemporâneo, a oralidade tem resistido e conseguido seu lugar de importância e isso se deve, principalmente, ao papel que os contadores de histórias – griôs – têm desempenhado, na transmissão de saberes, na recuperação das narrativas, que contribuem para a desmistificação entre a dicotomia escrita-oralidade e permite que se perceba o valor da interação face a face com o ouvinte, da sua performance, seus gestos, seu olhar, sua expressão corporal que são características da tradição oral que a cultura escrita apaga. Os griôs assumem o papel de figuras como “memória viva”, sendo os interlocutores de uma cosmovisão negro-africana, dedicando à oralidade o seu aspecto principal.

Ao lidar com os artefatos produzidos, identifiquei que, para o desenvolvimento das práticas pedagógicas, principalmente relacionadas diretamente com os griôs de Lençóis, a Grãos de Luz e Griô se inspirou não apenas no personagem africano, mas procurou assumir a metodologia da tradição oral, aquela que se caracteriza pelo anonimato da autoria; pela importância do velho como responsável pelo conto; por considerar a palavra falada o veículo de divulgação, que ultrapassa os limites das fronteiras geográficas, culturais ou lingüísticas.

Na África, que possui países, cidades, nações que valorizam a tradição oral, a fala não é apenas um meio de comunicação diária, mas, principalmente uma maneira de preservar a sabedoria da ancestralidade. No continente africano, nada substitui a potência da palavra, e por essa razão, o binômio força vital/palavra é o elemento primordial da personalidade da sociedade, desdobrando-se desde as instâncias mais abstratas até as práticas sociais.

Voltando a abordar a oralidade, a palavra dita, muitas vezes, transmite aquilo que foi herdado dos ancestrais ou pessoas idosas, pois na África tradicional, a herança ancestral é muito valorizada. Desse modo, a tradição oral passa a ser uma grande escola da vida, anunciada pelos chamados *tradicionalistas*, aqueles que são considerados os mestres, grandes testemunhas da memória viva da África. No idioma



bambara, são conhecidos de *Doma* ou *Soma*, os “Conhecedores” ou *Donikeba*, os “fazedores de conhecimento”. São mestres que possuem conhecimento tradicional específico, como ferreiros, tecelões, caçadores, pescadores ou possuem um conhecimento total em todos os seus aspectos.

Há uma advertência que Hampaté Bâ (1982, p. 187) faz e que considero importante destacar, pois no pensamento ocidental é muito comum de ocorrer. Diz ele:

“Não nos iludamos: a tradição africana não corta a vida em fatias e raramente o “Conhecedor” é um “especialista”. Na maioria das vezes, é um “generalizador”. Por exemplo, um mesmo velho conhecerá não apenas a ciência das plantas (as propriedades boas ou más de cada planta), mas também a “ciência das terras” (as propriedades agrícolas ou medicinais dos diferentes tipos de solo), a “ciência das águas”, astronomia, cosmogonia, psicologia, etc. Trata-se de uma ciência da vida cujos conhecimentos sempre podem favorecer uma utilização prática.”

Além de guardião da memória, dos relatos que ele ouviu de várias gerações e transmitiu, o tradicionalista é, também, considerado tanto o arquivista de fatos passados transmitidos pela tradição como, também, de fatos contemporâneos. E, por essa razão, era muito conhecido e venerado e sua respeitabilidade era de uma grandeza que muitas pessoas vinham de longe para recorrer ao seu conhecimento e sabedoria.

Há outra advertência tratada por Hampaté Bâ, que merece destaque, pois está associada diretamente com a proposta pedagógica da ONG Grãos de Luz e Griô. Diz ele: “dentro de 10 ou 15 anos, os últimos grandes *Doma*, os últimos anciãos herdeiros dos vários ramos da Tradição provavelmente terão desaparecido. Se não nos apressarmos em reunir seus testemunhos e ensinamentos, todo o patrimônio cultural e espiritual de um povo cairá no esquecimento juntamente com eles” (idem).

O alerta anunciado por Hampaté Bâ é uma inspiração àqueles e àquelas que desejam trabalhar com uma proposta pedagógica em que procura valorizar o testemunho dos mais velhos, seus conhecimentos herdados e que podem ser esquecidos e perdidos, comprometendo a cultura local. Possivelmente por essa razão, foi que uma frase de sua autoria se tornou célebre e é repetida e valorizada por todas as pessoas que pesquisam as tradições orais: “na África, cada ancião que morre, é uma biblioteca que se queima” (Hampaté Bâ, 2003) e é por esse motivo que a África é considerada um continente em que a tradição oral é uma grande escola.



Considero que se, em outras partes do mundo, a África fosse mais conhecida em todos os seus aspectos, a tradição oral seria mais valorizada e praticada. Em um país como o Brasil, com um grande número de pessoas que representa a população negra, por exemplo, é importante se conhecer com maior aprofundamento a tradição oral africana e, para isso, é necessário recorrermos aos pensadores africanos, ou seja, às fontes primárias, pois na tradição oral o narrador, o griô, o tradicionalista doma é aquele que fala a partir da experiência, de quem experimentou.

Por isso, percebo que, à medida que a narrativa oral passa a ser valorizada, damos à oralidade o mesmo grau de importância estabelecido pela escrita e, assim, elas ficam em um mesmo patamar. A veracidade do adágio popular: “vale o que está escrito”, cede lugar à efemeridade da palavra falada e esse, a meu ver, deverá ser mais um papel do griô, à moda brasileira: recuperar a valorização da tradição oral e não permitir que as tradições caiam no esquecimento.

E desse modo, com os griôs africanos e sua tradição oral⁹, apontei seus principais significados e que, de alguma maneira, inspiraram a ONG Grãos de Luz e Griô na elaboração e execução de seus projetos pedagógicos que envolvem, desde as práticas pedagógicas desenvolvidas nas oficinas e cooperativas do próprio espaço educativo, ao trabalho com as escolas do município de Lençóis em suas respectivas comunidades.

Passarei a realizar, na próxima seção, algumas considerações a respeito do griô brasileiro, o griô inventado pelos coordenadores da ONG, a partir de inspirações do griô africano e que foi fabricado, desmanchado, reinventado, pulverizado.

Dessa forma, percebe-se que na ONG o griô assumirá outros papéis além de contador de histórias. Ele passará a assumir responsabilidades administrativas junto ao governo municipal e federal, ou seja, o griô se dobra e ganha o poder de uma formação discursiva em que se produziria como um “generalizador”. Pelas relações de poder instituídas no movimento pedagógico da ONG, esprou-se como conhecedor e sistematizador dos saberes autênticos do lugar. Desse modo, insisto, o griô não é tão-somente o contador de histórias passeante pelos caminhos das comunidades lençoenses, mas, principalmente, aquele que se multiplica em diferentes papéis, assumindo diversas ações não só no espaço educativo da ONG, mas em outras instâncias administrativas da cidade de Lençóis e, a partir delas, alcança vários

⁹ Gostaria de ressaltar que, como é sabido, há outras tradições orais, como a dos povos indígenas, por exemplo, mas neste artigo, procurei abordar apenas a tradição oral africana, considerando que é esta a de maior influência na proposta pedagógica da ONG Grãos de Luz e Griô.



lugares, saindo de Lençóis e atingindo outras cidades brasileiras.

A Performatividade do Griô: Uma Invenção Pedagógica

Como mencionei anteriormente, Lençóis é uma cidade que possui um passado histórico marcado pela extração de garimpo de diamantes e, nas últimas décadas, tem sido visitada por turistas, do Brasil e exterior, que vêm para a cidade desfrutar da exuberância paisagística representada por montanhas, rios, cachoeiras e uma imensa diversidade da fauna e da flora.

Além disso, ela é, também, uma cidade de grande riqueza cultural, possuindo 25 monumentos, construídos no século XIX e manifestações culturais como a festa do Senhor do Bonfim; Senhor dos Passos; Semana Santa; Sagrado Coração de Jesus; Festa de Santo Antonio, São João, São Pedro; Jarê; Festa de Nossa Senhora da Conceição e a comemoração do aniversário do município. Algumas dessas manifestações foram, aos poucos, desaparecendo e outras se mantêm com grandes dificuldades (Brito, 2005).

Dentre essas manifestações culturais, as que ganham relevo ainda hoje são a do Senhor dos Passos e o Jarê. A primeira possui destaque por ser a festa que comemora o santo padroeiro dos garimpeiros e isto tem grande importância na cidade, pois mesmo que a padroeira de Lençóis seja Nossa Senhora da Conceição, esta santa não possui uma igreja, ao contrário do Senhor dos Passos que, além de possuir uma igreja no centro da cidade, tem uma comemoração entre os dias 23 de janeiro e 02 de fevereiro, que inclui uma significativa presença popular, inclusive dos chamados “filhos da terra”, que são os lençoenses que residem fora da cidade e que, neste período, voltam para rever a família e amigos e reverenciar o Senhor dos Passos. Nesta festa há, especificamente, a realização de novena, missa campal, festa de largo, procissão, marujada e terno de reis (idem). O Jarê, que é uma manifestação religiosa e cultural relevante na cidade, possui características sincréticas do candomblé, umbanda e do chamado catolicismo rural. Sua história está imbricada com a história do garimpo em Lençóis e por essa razão ainda é cultuada pela geração de velhos garimpeiros e seus descendentes.

Procurei tecer esses comentários, principalmente pelo fato de ter lido e escutado nos discursos que fizeram parte de minha investigação, que a cultura em Lençóis estava caindo no esquecimento e que muitos velhos desta cidade, que ainda hoje estão vivos, possuem os saberes que podem recuperar essa cultura. Esse foi,



inclusive, o mote para que a ONG Grãos de Luz e Griô pudesse elaborar projetos educativos e, inspirados nos griôs africanos, esta instituição entende que pode contribuir na recuperação da cultura local.

Como já comentei anteriormente, a invenção de um personagem inspirado no griô africano foi a maneira performática que a ONG encontrou para chegar até as escolas e comunidades de Lençóis. A partir das caminhadas o velho griô se aproximava das pessoas, aprendia várias histórias da cultura local e as retransmitia para as outras comunidades por onde passava. Essa era a performance teatral ou do espetáculo que a ONG promovia.

Encontrei, porém, uma outra maneira de compreender o termo performance/performatividade, quando entrei em contato com a obra de Homi Bhabha (2003). Nela, a performance é considerada um espaço de alteridade na arte e, desse modo, o performático ocupa um lugar de subjetivação, em que o caráter político é ressaltado. Desse modo, a performance passa a ser portadora de um forte caráter político diante da sua capacidade de criar formas de intervenção social e simbólica.

A partir das análises que produzi dos enunciados de professores e alunos, nas entrevistas realizadas, constatei que muitas pessoas na cidade de Lençóis, atualmente, possuem um outro olhar acerca da cultura local. Ela não é mais vista de uma forma menor, simplificada e, dessa maneira, ela ganha uma performatividade. Considero que a atuação do velho griô nas comunidades, como contador de histórias, é uma maneira de atuar politicamente, pois naquele momento de atuação, a contação de histórias e a política co-existem na figura daquele velho, no *entre*, e esse *entre-lugar* requer ainda um deslocamento da atenção do político como prática pedagógica, ideológica, da política como necessidade vital no cotidiano – a política como performatividade (Bhabha, 2003).

Palavras Finais

Em virtude da inserção das práticas pedagógicas desenvolvidas pela ONG, a Grãos de Luz e Griô estabelece uma pedagogia e a nomeia de griô a partir da caminhada do velho griô, nas escolas e comunidades de Lençóis. Desse modo, é o griô que surge e inventa uma pedagogia, com uma proposta de ruptura com o ensino tradicional ainda vigente nas escolas.

Percebi que a cidade de Lençóis passa a ser marcada não apenas por dois



fatores como a extração de diamantes e pelo turismo, geralmente abordados em várias pesquisas. Defendo de que há um terceiro fator que é a *presença do griô*, daquele que guarda saberes da cultura local e os transmite às novas gerações. A cidade de Lençóis passa a ter uma nova referência com a inserção do griô e isto confere a diferença neste lugar, pois este personagem e até mesmo aqueles velhos da cidade, que a ONG também nomeia de griôs, apostam na tradição oral em pleno século XXI.

Diante do exposto, trago para a baila de discussão a defesa de que a Grãos de Luz e Griô, apresentando uma abordagem centralizada nas culturas enfoca a educação ambiental, pois esta deve continuar sendo encarada com uma abordagem interdisciplinar, que produz significados implicados na regulação de condutas e valores (Sampaio, 2005).

Minha aproximação com leituras de pensadores pós-estruturalistas, na vertente dos Estudos Culturais me possibilitam defender que a educação ambiental deve contemplar as culturas em suas abordagens. Além da biodiversidade que compreende a cidade de Lençóis, fincada no portal da Chapada Diamantina há, também, uma história da extração de diamantes, um acontecimento naquela cidade, que levou negros para habitarem seu chão e esses negros levaram a religiosidade, impregnada pelo catolicismo e a invenção de uma religião que só existe naquela região: o Jarê. Mitos, lendas, cantigas, negritude, garimpo, histórias de vida tatuadas naquela cidade e contadas por velhos griôs, a partir de uma proposta pedagógica de uma organização não-governamental.

Momento de desestabilização para reconhecer que isto é, também, educação ambiental. Cultura negra, ancestralidade, cultura local, educação afro-brasileira, currículo para ser negro. A meu ver, a ONG ao abordar essas temáticas em oficinas e cooperativas, bem como nos cursos oferecidos a professores do ensino fundamental na cidade de Lençóis, sinaliza a potencialidade de ampliar o espectro de discussão do que seja encarado por ambiental.

Talvez para muitos leitores deste artigo já seja um consenso de que as culturas estejam inseridas no discurso da educação ambiental. Porém, gostaria de esclarecer que a produção acadêmica que faz tal abordagem ainda é muito tímida, como podemos verificar nos trabalhos de pesquisa apresentados em eventos de prestígio acadêmico como a Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPEd) e Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA). As poucas inserções



temáticas que envolvem os aspectos culturais enfocam trabalhos desenvolvidos em comunidades tradicionais e, geralmente, abordam as situações de conflito que marca a saturação de uma retórica das teorias críticas, escapando de discussões acerca da memória do lugar, da história de vida, a religiosidade, cultura local etc.

Minha intenção é de que este texto que se refere a uma pesquisa desenvolvida em uma ONG situada em Lençóis e que poderia criar a expectativa de trazer uma multiplicidade de elementos da fauna e flora da Chapada Diamantina para ser discutido e que há anos se classifica como educação ambiental, pretende inquietar e defender o inclassificável, colocar sob suspeita a (im)pertinência do que se aborda na educação educação ambiental e que isto dê a pensar.

Referências Bibliográficas

- Barzano, M. A. L. (2008). *Grãos de Luz e Griô: dobras e avessos de uma ONG-Pedagogia-Ponto de Cultura*. Tese, Doutorado em Educação. Campinas: Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.
- Bhabha, H. (2003). *O Local da Cultura*. 2ª reimpressão. Belo Horizonte: UFMG.
- Brito, F. E. M. (2005). *Os Ecos Contraditórios do Turismo na Chapada Diamantina*. Salvador: EDUFBA.
- Calvino, Í. (2005). *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Hall, S. (2003). *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG.
- Hampaté Bâ, A. (1982). A Tradição Viva. In J. Ki-Zerbo (Org.). *História Geral da África*. São Paulo: Ática.
- Hampaté Bâ, A. (2003). *Amkoullel, o menino fula*. São Paulo: Pallas Athena: Casa das Áfricas.
- Larrosa, J. (2004). *Linguagem e Educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Rolnik, S. (2006). *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina e UFRGS.
- Sampaio, S. M. V. S. (2005). Notas sobre a “fabricação” de educadores/as ambientais: identidades sob rasuras e costuras. Dissertação de Mestrado em Educação. Porto Alegre: Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.